

DIMENSÃO TERRITORIAL DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO TERRITÓRIO USADO

**THE TERRITORIAL DIMENSION OF INTERPERSONAL RELATIONS: A
ANALYSIS BASED ON THE USED TERRITORY**

Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas • 24/07/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/784587080](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/784587080)

Claudia Cleomar Ximenes¹

Nubia Caramello²

José Mauro Palhares³

Sônia Maria Teixeira Machado⁴

Izidoria Silva dos Santos Amorim⁵

Neuza Pereira de Oliveira⁶

RESUMO

Compreendidas como práticas sociais, as relações interpessoais constituem fenômenos territoriais materiais. Com essa ênfase, este artigo analisa as interações sob a perspectiva geográfica, interpretando-as como processos constitutivos da produção e reprodução do território usado, de forma inovadora em relação às abordagens puramente comportamentais. De natureza básica e qualitativa, esta pesquisa teórico-analítica fundamenta-se na dialética miltônica para propor um modelo que articula as interações sociais às categorias de território usado, territorialidade e relações de poder. O procedimento metodológico consistiu na Análise de Conteúdo de um corpus bibliográfico selecionado, viabilizando a construção dessa matriz interpretativa. Os resultados apontam para a necessidade de integrar as dimensões comportamentais e socioterritorial na análise das interações cotidianas. A partir dessa transição teórica, elaborou-se uma sintaxe técnica e um modelo geográfico de análise que adotam o território usado como categoria integradora, articulando os sistemas de objetos, os sistemas de ações e as assimetrias de poder.

Palavras-chave: Dialética miltônica; Modelo geográfico de análise; Sintaxe técnica; Sistemas de objetos e de ações; Territorialidade.

ABSTRACT

Understood as social practices, interpersonal relations constitute material territorial phenomena. With this emphasis, this article analyzes interactions from a geographical perspective, interpreting them as processes constitutive of the production and reproduction of "used territory"—an approach that innovates upon purely behavioral perspectives. This theoretical-analytical research, which is qualitative in nature, draws on the Miltonian dialectic to propose a model linking social interactions to the categories of used territory,

territoriality, and power relations. The methodological procedure involved a content analysis of a selected bibliographic corpus, enabling the construction of this interpretive framework. The results highlight the need to integrate behavioral and socio-territorial dimensions when analyzing everyday interactions. Based on this theoretical shift, a technical syntax and a geographical analysis model were developed; these adopt used territory as an integrating category, linking systems of objects, systems of actions, and power asymmetries.

Keywords: Miltonian dialectic; Geographical analysis model; Technical syntax; Systems of objects and actions; Territoriality.

1. INTRODUÇÃO

As relações interpessoais constituem dimensões sociais do território usado e expressam a maneira como as pessoas constroem vínculos, negociam posições e participam da produção de territorialidades marcadas por relações de poder. A experiência cotidiana é reproduzida na vida social, em meio às contradições que caracterizam o período técnico-científico-informacional. De um lado, atuam os fluxos hegemônicos que buscam homogeneizar práticas e racionalidades e do outro, os lugares afirmam possibilidades de resistência, adaptação e criação.

A produção do território constitui um espaço que abriga a vida social e se apresenta como recurso para a relação de poder. Pelo fato de dar muita importância aos signos exteriores da posição socioterritorial, o sujeito acaba por desenvolver uma crença tenaz na mobilidade do esforço próprio. Esse processo resulta da interação permanente entre sistemas de objetos e o de ações. Os objetos abrangem as formas e infraestruturas existentes, enquanto as ações

reúnem as intencionalidades, as práticas e os movimentos que atribuem significado a essa materialidade.

As pessoas olham para os sinais de riqueza do território (casas grandes, carros) e passam a acreditar que, se esforçarem sozinhas, vão alcançar aquele topo. Elas ignoram que a estrutura (o sistema de objetos e ações) é feita para manter o poder concentrado. A sociedade dá tanta importância a esses "signos" que o endereço de uma pessoa dita como ela é tratada, por exemplo, uma pessoa da periferia pode ser parado pela polícia apenas por caminhar perto do condomínio de luxo. Estar fora do seu lugar presumido (espaço físico) funciona como um aviso de que essa pessoa não possui os signos necessários para estar ali.

A reestruturação produtiva contemporânea impulsiona fluxos organizacionais cada vez mais intensos que levam as redefinições cada vez mais complexas das relações interpessoais no território usado. As transformações ampliam a necessidade de investigações sobre temas como clima organizacional, liderança e redes de interação, incorporando à Ciência Geográfica dimensões tradicionalmente tratadas por outros campos do conhecimento.

Sob a perspectiva geográfica, confirma-se que a ação social e a produção do espaço constituem processos indissociáveis. As relações interpessoais ao serem compreendidas como práticas sociais territorializadas, são compreendidas quanto a sua atuação de vetores de poder (cooperação, conflito e mediação) que se materializam nos lugares e orientam diferentes usos do território. Essa demonstrar que as formas de convivência, organização e interação social são, simultaneamente, condicionadas pelas dinâmicas territoriais e produtoras delas.

Com base nessas premissas conceituais, este estudo adota como pergunta norteadora: as relações interpessoais podem ser compreendidas como processos geográficos de produção do território usado?

Para responder a essa problematização, o objetivo geral é de construir uma interpretação geográfica das relações interpessoais fundamentada na categoria território usado e na dialética miltoniana. Para alcançá-la, o estudo foi estruturado em quatro eixos específicos: i) demonstra-se a insuficiência das abordagens tradicionais sobre as interações humanas diante da complexidade espacial; em seguida, ii) discute-se o território usado como categoria interpretativa central para essa leitura; iii) articulam-se as interações entre território, poder e relações interpessoais; e, por fim, propõe-se um modelo analítico direcionado a subsidiar pesquisas empíricas futuras sobre a temática.

2. TERRITÓRIO E RELAÇÕES INTERPESSOAIS

A fundamentação teórica das relações interpessoais ganha densidade explicativa ao incorporar as categorias conceituais da Ciência Geográfica, especificamente a matriz teórica fundada por Milton Santos (1978), Claude Raffestin (1993) e Rogério Haesbaert (2007). As transformações estruturais decorrentes da reestruturação produtiva global e da complexificação das organizações impulsionaram uma produção científica expressiva em múltiplas áreas do conhecimento.

2.1. Limites das Abordagens Tradicionais

As relações interpessoais constituem um objeto de investigação compartilhado por diferentes áreas do conhecimento dentro das

ciências humanas, como por exemplo, a Psicologia e as Ciências Sociais. Em cada uma dessas áreas, o fenômeno foi interpretado a partir de referenciais teóricos específicos, privilegiando aspectos relacionados ao comportamento humano, aos processos comunicacionais, à cooperação, aos conflitos e às formas de organização social.

As contribuições dessas abordagens ampliaram a compreensão das interações entre os indivíduos, especialmente no contexto organizacional. Autores como Bergamini (2013; 2018) evidenciam a relevância das relações interpessoais para a dinâmica das organizações, ao abordar aspectos como liderança, motivação, comunicação e comportamento humano. Embora essas contribuições sejam fundamentais para a compreensão do fenômeno, a análise permanece predominantemente centrada nos sujeitos e no funcionamento das organizações, conferindo menor atenção à dimensão socioespacial dessas relações.

A centralidade dessas abordagens tradicionais reside na decodificação do fenômeno relacional a partir de parâmetros estritamente psicológicos, comportamentais ou gerenciais (Bergamini, 2013; 2018). Nos estudos organizacionais fundamentados nessas perspectivas, as interações humanas são validadas como atributos individuais, competências sociais isoladas ou insumos funcionais para a produtividade e governança das instituições.

A perspectiva puramente comportamental requer a integração teórica imediata com as dinâmicas espaciais, de modo a reinterpretar as relações interpessoais enquanto processos imanentes à produção do espaço geográfico e à estruturação do território usado (Santos, 2014a).

A influência do espaço geográfico e das relações territoriais na produção e na dinâmica das interações tradicionais permanece secundarizada. Numa revisão teórico-metodológico dos requisitos investigativos da Geografia Crítica, aqui compreendido, principalmente, em “Metamorfoses do Espaço Habitado” (Santos, 2014b) e em Técnica, Espaço, Tempo (Santos, 2013), leva ao entendimento de que a Geografia oferece elementos básicos para compreender a realidade social.

Essa necessidade de superação das análises técnicas e o resgate do papel ativo dos sujeitos na dinâmica espacial encontram fundamento em *Por uma Geografia Nova* (Santos, 1978). Esta obra marca o início da renovação crítica da disciplina no Brasil, ao defender o espaço como uma estrutura social indissociável das ações humanas.

2.2. O Território Usado Como Fundamento Interpretativo

As relações interpessoais integram a produção do espaço geográfico ao expressarem relações de poder, cooperação, conflito e formas de apropriação presentes na vida cotidiana. Nessa perspectiva, o conceito de território usado, formulado por Milton Santos (2006), constitui o fundamento interpretativo para compreender o espaço como resultado histórico da articulação entre sistemas de objetos e os de ações.

Inserido nessa dinâmica, o conceito de aceleração contemporânea proposto por Milton Santos (2002) permite compreender o período atual como marcado pela intensificação das técnicas, dos fluxos, da informação e da produção de objetos, processos que reorganizam as formas de organização da vida social e das relações socioespaciais.

As transformações socioespaciais contemporâneas apresentam desafios interpretativos à compreensão da realidade. A emergência de novas dinâmicas socioterritoriais requer novos referenciais analíticos e um sistema de conceitos capaz de expressar a ordem em formação. A exigência ocorre por causa das relações entre pessoas e essas com o ambiente. Metodologicamente é preciso de novas matrizes analíticas e de um sistema de conceitos capaz de expressar a ordem em formação.

Compreende-se, nesta linha de reflexão que as transformações contemporâneas reorganizam as interações entre as escalas global e local. Relação essa que reconfigura a dinâmica dos acontecimentos, de forma simultânea, a circulação de signos e as tensões entre os fluxos hegemônicos e a dinâmica concreta dos lugares.

A relação entre os processos globais e a dinâmica dos lugares encontra síntese na afirmação de Milton Santos (2002, p. 16) de que "O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares".

A dimensão concreta dessas transformações manifesta-se no lugar, onde as dinâmicas contemporâneas, atravessadas por forças globais, são apropriadas e ressignificadas pelas práticas sociais, pelas relações de poder e pelas interações cotidianas que produzem e reproduzem o espaço geográfico.

O conceito de território usado, desenvolvido por Milton Santos (2006), amplia a compreensão do espaço ao considerá-lo como resultado da articulação entre sistemas de objetos e os de ações.

Essa perspectiva evidencia que o território constitui uma produção histórica e social, formada pelas práticas dos sujeitos, pelas técnicas disponíveis e pelas relações estabelecidas no cotidiano.

As relações interpessoais organizam à própria dinâmica de produção territorial. Esse direcionamento na produção do conhecimento tem significado geossocial, visto que os diferentes padrões de distribuição das pessoas no espaço são acompanhados por diferentes padrões de relações interpessoais que expressam as tensões e formas de apropriação dos espaços sociais. As interações estabelecidas nessas relações variam de um lugar para o outro, revelando práticas que atribuem sentidos ao território e participam da constituição das territorialidades.

2.3. Territorialidade e Relações de Poder

O espaço de Poder é manifestado de forma diversificada e em território formado por sociedades em que agentes atribuem a outros, forças de mando em que o Estado ou “alguém” pode mais. Para fins do proposto o Poder se refere principalmente a indivíduos, sem se opor, a determinados momentos ao Estado. A condução do discurso, no entanto, consiste na forma de manifestação das relações humanas e a construção do espaço geográfico. Onde se discutem os problemas contemporâneos e a literatura se dá pela percepção do aumento das tensões no ambiente de trabalho e a produtividade na sociedade improdutiva.

Territorialidade e relações de poder constituem dimensões inseparáveis da produção do território usado. Toda territorialidade como entendida em expressa formas de apropriação, controle, pertencimento ou resistência (Haesbaert, 2007), enquanto as

relações de poder, como condicionam as possibilidades de uso e organização do espaço (Raffestin, 1993). Nessa perspectiva, compreender o território usado implica reconhecer que essas práticas são historicamente produzidas e continuamente redefinidas pelas ações dos diferentes sujeitos. Assim, a territorialidade torna-se uma categoria analítica fundamental para interpretar como as relações interpessoais participam da produção territorial.

Esses vetores de racionalidade e intencionalidade que ditam a psico-esfera organizacional ganham densidade política quando encontram fundamento na matriz teórica de Claude Raffestin (1993). O espaço preexiste ao território que é o resultado de uma produção mediada por relações de poder, em que atores sociais utilizam de recursos e a sintaxe técnica enquanto mediação da territorialização para manifestar suas intencionalidades.

Nas interações interpessoais cotidianas do ambiente corporativo, a imposição da tecno-esfera funciona como um sistema de malhas, nós e redes que controla fluxos e dita uma dinâmica territorial conflituosa. A territorialidade do sujeito é sistematicamente tensionada e resignificada em face das formas de poder que organizam o espaço de trabalho. Conclui-se que as cooperações profissionais, assim como o clima organizacional constituem expressões das relações de poder e das territorialidades produzidas no ambiente de trabalho.

2.4. Da Produção do Espaço Às Relações Interpessoais Territorializadas

A transição da produção do espaço para a análise das relações interpessoais territorializadas fundamenta-se na perspectiva

miltoniana de que o espaço geográfico resulta da interação indissociável entre materialidade e ação social. As transformações decorrentes da divisão territorial redefinem continuamente os usos do território, sua concretização ocorre nas práticas cotidianas dos diferentes atores sociais. É nesse movimento que as relações interpessoais integram os processos de produção e organização do território usado.

O espaço geográfico constitui um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, concepção desenvolvida por Santos (2006) que fundamenta o entendimento do território usado. Nessa concepção, o cotidiano representa o cenário onde as relações sociais acontecem e se materializam, produzindo territorialidades e conferindo novos conteúdos aos lugares. Ximenes e Caramello (2019) mostram que a análise das práticas cotidianas revela como a dinâmica das instituições se inscreve materialmente no território, transformando as redes de comunicação em vetores de produção espacial. Essa dinâmica converge com a premissa de que o espaço é socialmente produzido e reproduzido por meio das forças sociais e das interações intersubjetivas (Lefebvre, 1991).

O espaço geográfico constitui um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, concepção desenvolvida por Santos (2006) que fundamenta o entendimento do território usado. Nessa concepção, o cotidiano representa o cenário onde as relações sociais acontecem, produzindo territorialidades e conferindo novos conteúdos aos lugares. Essa dinâmica converge com a premissa de que o espaço é socialmente produzido e reproduzido por meio das forças sociais e das interações intersubjetivas (Lefebvre, 1991).

As relações interpessoais, portanto, expressam práticas sociais espacializadas que articulam cooperação, conflito, mediação e exercício do poder, participando continuamente da produção do espaço geográfico. O instrumental analítico da Geografia Crítica oferece o rigor conceitual necessário para realizar essa transição epistemológica, superando o isolamento entre a literatura comportamental e a dimensão espacial.

As categorias de território, territorialidade e relações de poder funcionam como chaves de leitura que inserem as interações sociais na totalidade do espaço habitado e modificado pelo trabalho humano (Haesbaert, 2004; Santos, 2014a). Essa abordagem permite compreender as relações humanas como práticas sociais inseridas em contextos espaciais específicos, constituídos por diferentes formas de apropriação, organização e exercício do poder.

As relações interpessoais deixam de representar apenas formas de comunicação entre sujeitos para constituírem práticas sociais espacializadas. Essa visão, amparada em Haesbaert (2007), abre-se para uma visão geográfica de que mediante as quais se produzem territorialidades. Nessa linha de reflexão, Santos (2014a) corrobora com o ensinamento de que se estabelecem relações de poder e se participa continuamente da produção do território usado, participando ativamente da produção e da reprodução das estruturas territoriais.

2.5. Síntese da Proposta Teórica

A leitura fundamentada na tríade do território usado (Santos, 2014a), das relações de poder (Raffestin, 1993) e da dinâmica da desterritorialização e multiterritorialidade (Haesbaert, 2004) permite

interpretar as relações interpessoais para além de uma dimensão exclusivamente organizacional, compreendendo-as como práticas sociais inseridas na produção do território.

Dessas práticas cotidianas emergem territorialidades que, ao mesmo tempo em que constroem o dia a dia institucional, reproduzem e tensionam as macroestruturas do período técnico-científico-informacional (Santos, 2014a). É nessa convergência que as relações humanas participam ativamente da produção espacial, expressando os vínculos, conflitos, cooperações e assimetrias de poder que estruturam a vida social.

3. METODOLOGIA

O estudo é de natureza básica, qualitativa, com finalidade teórico-analítica, uma vez que busca aprofundar a compreensão das relações interpessoais enquanto fenômeno social espacializado, a partir das categorias geográficas de território usado, territorialidade e relações de poder. Diferentemente de abordagens tradicionais, focadas em aspectos comportamentais e/ou organizacionais, este estudo parte do pressuposto de que as práticas relacionais são constituídas historicamente e expressam formas de apropriação, organização e produção do espaço social.

A análise geográfica das relações interpessoais fundamenta-se na perspectiva miltônica, segundo a qual a compreensão da realidade requer considerar, simultaneamente, as transformações do processo produtivo e a atuação dos diferentes atores sociais. Pois, como posto por Santos (2012),



A análise deve também incluir o estudo das diversas instâncias do processo produtivo e as características que adquirem em face de uma nova divisão do trabalho. A combinação desses dois enfoques permitirá compreender o papel dos atores e o seu jogo recíproco a cada momento da evolução social (Santos, 2012, p. 65).

Sob esse enfoque, as relações interpessoais passam a ser compreendidas como práticas sociais espacializadas, por meio das quais se materializam relações de poder, cooperação, conflito e mediação que participam da produção do território usado. Como consequência do movimento da sociedade, o ordenamento territorial é continuamente reconfigurado, modificando hierarquias espaciais e produzindo novas formas de organização do território usado.

Como método de análise, utiliza-se a perspectiva dialética miltoniana, fundamentada na compreensão do espaço geográfico como uma totalidade dinâmica, contraditória e historicamente construída. A partir das contribuições de Santos (2006), entende-se o território usado como resultado inseparável da relação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, no qual diferentes sujeitos produzem, disputam e atribuem sentidos aos espaços vividos. Dessa maneira, as relações interpessoais são analisadas não como eventos isolados, mas como manifestações de processos sociais mais amplos que se materializam no território.

O procedimento metodológico consiste em uma discussão teórico-analítica desenvolvida a partir de um corpus composto por obras de Milton Santos, Claude Raffestin, Rogério Haesbaert. Principalmente o que concerne os conceitos de território usado, territorialidade, relações de poder, relações interpessoais e organização social do trabalho. A seleção do material bibliográfico considerou sua relevância teórica para a construção do debate proposto e sua contribuição para compreender as múltiplas dimensões que envolvem a produção do espaço social.

Para o tratamento e interpretação do corpus selecionado, empregou-se a técnica de análise de conteúdo, compreendida como um procedimento sistemático de organização, categorização e interpretação dos sentidos presentes nas produções analisadas. Essa técnica permitiu identificar aproximações conceituais, convergências e contradições entre os autores mobilizados, possibilitando a construção de uma interpretação articulada entre os fundamentos geográficos e as relações sociais investigadas.

A análise foi orientada pelas categorias território usado, territorialidade e relações de poder, eixos fundamentais para interpretar como os sujeitos estabelecem vínculos, disputas, práticas de pertencimento e mecanismos de controle nos espaços sociais. Para a sistematização do *corpus* bibliográfico, adotou-se a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), técnica utilizada aqui como um procedimento operacional de triagem, codificação e categorização dos textos selecionados. Desse modo, o instrumental de Bardin atua no tratamento estrutural do material literário, enquanto a matriz da Geografia Crítica fornece o suporte epistemológico para a interpretação profunda e dialética dos sentidos imanentes a essas relações socioespaciais

Nesse sentido, Milton Santos, Raffestin e Haesbaert permanecem, na contemporaneidade, principalmente neste estudo, como referenciais teóricos e categorias interpretativas que fundamentam a compreensão das relações entre território, territorialidade e poder. Essa distinção metodológica permite articular a análise dos conteúdos bibliográficos às categorias geográficas. Adotado para o estudo em tela, a ciência, no sentido particular do termo, é um corpo de conhecimentos organizados e a Geografia oferece este conjunto de proposições conexas, concernentes ao movimento de fenômenos, tal qual ocorrem repetidamente nas relações humanas, entre si e com o ambiente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO TEÓRICO-ANALÍTICA

A fundamentação teórica desenvolvida nas seções anteriores permite avançar da discussão conceitual para sua operacionalização analítica. Se, por um lado, a categoria território usado oferece a base interpretativa para compreender as relações interpessoais como processos espaciais, por outro, torna-se necessário estabelecer um percurso metodológico capaz de orientar sua aplicação em estudos empíricos. Propõe-se uma sintaxe técnica de análise geográfica, entendida como um encadeamento lógico de categorias da Geografia Crítica que orienta a interpretação das relações interpessoais à luz da dialética miltoniana. A Figura 1 sintetiza essa proposta metodológica.

Figura 1. Sintaxe técnica para o estudo geográfico das relações interpessoais

SINTAXE TÉCNICA PARA O ESTUDO GEOGRÁFICO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Proposta de modelo analítico fundamentado na Geografia Crítica de Milton Santos



Fonte: elaborado pelas autoras, a partir de Milton Santos (2002; 2006a; 2006b).

A sintaxe técnica proposta organiza a investigação em dois movimentos complementares. O primeiro explicita o deslocamento epistemológico realizado neste estudo, ao superar interpretações centradas exclusivamente nos aspectos psicológicos e organizacionais e adotar a categoria território usado como fundamento analítico. O segundo corresponde ao percurso interpretativo propriamente dito, no qual as relações interpessoais constituem o ponto de partida da investigação e são analisadas

progressivamente por meio das categorias lugar, sistemas de objetos e sistemas de ações, fluxos, normas, informações, relações de poder, psicoesfera e territorialização, permitindo compreender sua participação na produção do território usado.

As relações de cooperação, conflito, comunicação, reconhecimento e exclusão ultrapassam a condição de comportamentos individuais para constituírem práticas espaciais por meio das quais os sujeitos utilizam, interpretam, negociam e disputam os espaços sociais. Sob essa perspectiva, as relações interpessoais deixam de ser compreendidas apenas como fenômenos intersubjetivos e passam a expressar processos de produção e organização do território, revelando diferentes formas de apropriação, pertencimento e diferenciação socioespacial.

Nesse processo, as relações de poder assumem papel estruturante, pois condicionam as possibilidades de participação, decisão, reconhecimento e controle exercidas pelos diferentes sujeitos. As assimetrias decorrentes dessas relações orientam a constituição de territorialidades, entendidas como expressões espaciais das práticas, vínculos e significados construídos no cotidiano. Assim, as territorialidades resultam tanto da ocupação material do espaço, como das relações sociais que produzem normas (direitos e deveres), identidades e mecanismos de inclusão e exclusão.

O território usado, visto aqui, mais como uma metodologia analítica do que como conceito, constitui a síntese desse movimento dialético. Pois, integra, de forma indissociável, as materialidades presentes no espaço e as ações desenvolvidas pelos sujeitos. Nessa perspectiva, as relações interpessoais participam da produção territorial ao materializarem práticas sociais que articulam sistemas

de objetos e sistemas de ações, conferindo novos sentidos aos lugares e redefinindo continuamente suas formas de organização e uso.

O modelo geográfico proposto amplia a compreensão das relações interpessoais ao interpretá-las como processos de produção territorial, fundamentados na concepção de território usado formulada por Milton Santos. Sua principal contribuição consiste em oferecer uma sintaxe técnica de análise capaz de orientar investigações futuras em diferentes contextos sociais, evidenciando que as relações interpessoais constituem processos geográficos de produção e reprodução do território usado. Observe no Quadro 1 a contribuição de forma sintetizada e objetiva.

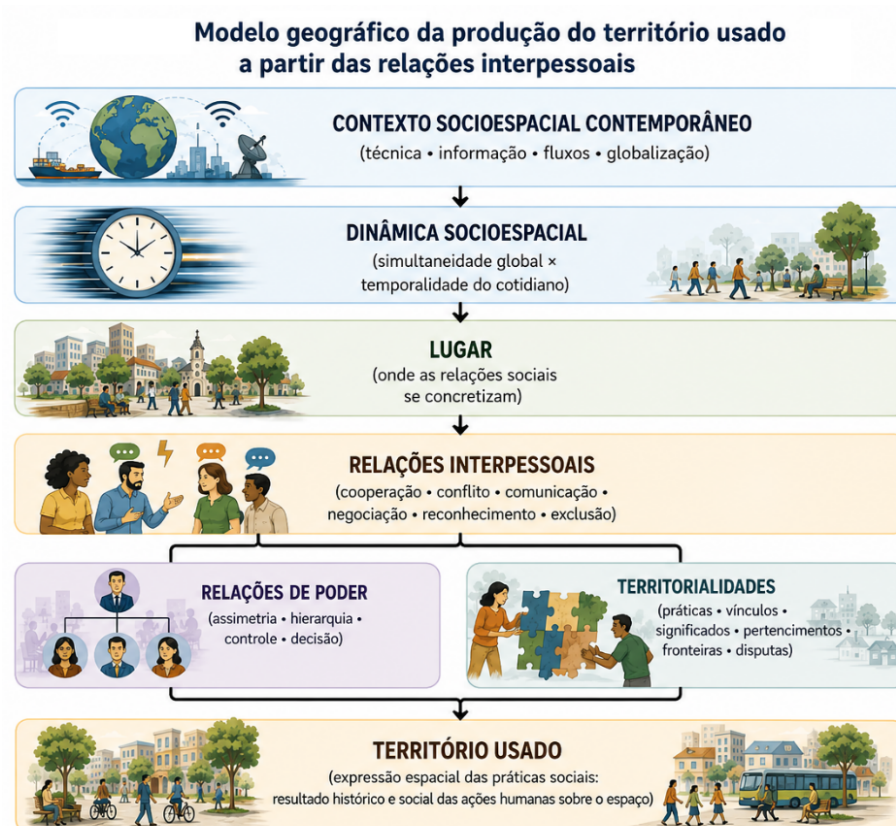
Quadro 1. Síntese da contribuição teórica

Aspecto	Literatura predominante	Proposição do artigo
Relações interpessoais	Fenômeno psicológico e organizacional	Processo socioespacial de produção do território usado
Espaço	Contexto em que ocorrem as relações	Dimensão constitutiva das relações sociais
Poder	Relação hierárquica	Mediação constitutiva das territorialidades
Território	Espaço físico ou organizacional	Espaço produzido pelas relações sociais, conforme Milton Santos
Contribuição metodológica	Abordagens organizacionais	Dialética miltoniana aplicada às relações interpessoais

O quadro 1 evidencia a lacuna científica e explicita a originalidade da proposta, ao demonstrar a contribuição inédita do trabalho que fundamenta a Geografia das Relações Interpessoais na perspectiva da Geografia Crítica miltoniana. A relação entre as categorias analisadas orienta uma perspectiva integrada de interpretação das práticas sociais como produtoras de territorialidades. Essa articulação estabelece uma matriz conceitual própria, capaz de sustentar uma linha de pesquisa coesa e cumulativa.

A operacionalização dessa sintaxe técnica, de forma prática, permitiu construir um modelo explicativo da produção territorial das relações interpessoais. A Figura 2 representa a dinâmica pela qual essas interações, articuladas às relações de poder e às territorialidades, participam da constituição do território usado.

Figura 2. Modelo geográfico da produção do território usado a partir das relações interpessoais



Fonte: elaborado pelas autoras, a partir da matriz conceitual de Milton Santos (2002; 2006a; 2006b).

A produção do território usado engloba a existência de relações interpessoais e se expressa na forma como essas interações se desenvolvem na dinâmica territorial. Como demonstra a Figura 2, essa produção manifesta-se sobretudo na maneira como tais relações se desdobram no cotidiano dos lugares. A dinâmica contemporânea, marcada pela intensificação dos fluxos técnicos, informacionais e comunicacionais, condiciona os lugares onde as interações se materializam.

Como parte do movimento de produção espacial, as relações de poder orientam a constituição de territorialidades, produzindo formas diferenciadas de pertencimento, controle, cooperação, exclusão e disputa que se consolidam no território usado. Dessa forma, o modelo demonstra que as relações interpessoais constituem um componente ativo da produção espacial e não apenas um fenômeno social localizado no espaço.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações interpessoais constituem fenômenos territoriais concretos que se configuram como práticas sociais. Concepção essa que confirma a premissa de que, mediadas por relações de poder, o movimento humano produz territorialidades e estrutura a dinâmica do território usado. A partir da aproximação teórico-analítica entre as interações humanas e os fundamentos geográficos, desenvolveu-se uma proposta epistemológica para a Geografia das Relações Interpessoais.

O percurso de transição teórica, sintetizado no Quadro 1, fundamenta a sintaxe técnica (Figura 1) e o modelo geográfico (Figura 2) propostos. Essas ilustrações cumprem um papel integrador ao articularem os sistemas de objetos, os sistemas de ações e as assimetrias de poder que dão forma ao território usado. Quando a análise geográfica é aplicada para estudar os fenômenos da vida humana resulta em um conjunto de conhecimento que favorece a Ciência na sua totalidade.

A pesquisa apresenta como limitação o caráter estritamente teórico-analítico desta etapa, que não inclui a aplicação do modelo em estudos de caso empíricos. Essa lacuna aponta para a necessidade de investigações futuras voltadas à análise das territorialidades produzidas pelas relações interpessoais em diferentes realidades.

A agenda de pesquisa direciona-se para a aplicação prática dessa matriz em espaços institucionais, educacionais e corporativos. Cabe aos desdobramentos futuros mapear como os fluxos de cooperação, conflito e poder desenham territorialidades específicas na realidade concreta dos lugares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 280 p.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Motivação nas Organizações**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2013. 192p.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Psicologia aplicada à administração de empresas: psicologia do comportamento organizacional**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2018. 232p.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. GEOgraphia, Niterói, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531>.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e desterritorialização em tempos de contenção e globalização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 320 p.

LEFEBVRE, Henri. The Production of Space. Trad. D. Nicholson-Smith Oxford: Basil Blackwell, 1991, 464 p.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993. 270 p.

SANTOS, Milton. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SCARLATO, Francisco Capurano; ARROYO, Mónica (org.). **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. 342 p. p. 15-22.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP. 2014a. 384p.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao Lugar.** 1. ed. 2. reimpr. Paulo: Edusp, 2007. 170p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** 6. ed. 2. reimpr. Paulo: Edusp, 2014b. 136 p.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Território: globalização e fragmentação.** 5 ed. 1 reimpr. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 2006. p. 15-20.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia. Crítica. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1978. 288 p.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2013. 176 p.

XIMENES, Claudia Cleomar; CARAMELLO, Nubia. Espaço e relações de poder: território, territorialidade e a manifestação do assédio moral no ambiente de trabalho. In: XIMENES, Claudia Cleomar; SOARES, Danúbia Zanotelli; LOPES, Elias de Araújo; TOLEDO, Franciéli da Silva. (org.). **Espaço e Relações de Poder:** manifestação do assédio moral, saúde e desafios do docente no ambiente do trabalho. 1. ed. Curitiba: CRV, 2019. 148 p. p. 13-36. DOI: <https://doi.org/10.24824/978854443383.6>

¹ Mestra em Geografia, pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR; E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#); Orcid:

<https://orcid.org/0000-0002-4125-7991>; Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/8014015246571237>

² Doutora em Geografia; docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - IFAP; E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#); Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2167-9759>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8155132371455051>.

³ Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); professor do Departamento de Geografia na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9311-1049>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8262131787816202>.

⁴ Mestra em Geografia; docente no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia – IFRO; E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#); Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4895-0662>; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6452764110432892>

⁵ Doutora em Ciências da Educação; pela Universidade Del Sol – UNADES. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6808-0359>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1821923512714239>.

⁶ Mestra em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9279-8632>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5159740705938672>.